

A Estratégia Militar Chinesa em África. Impacto para a Segurança Global

Luís Brás Bernardino

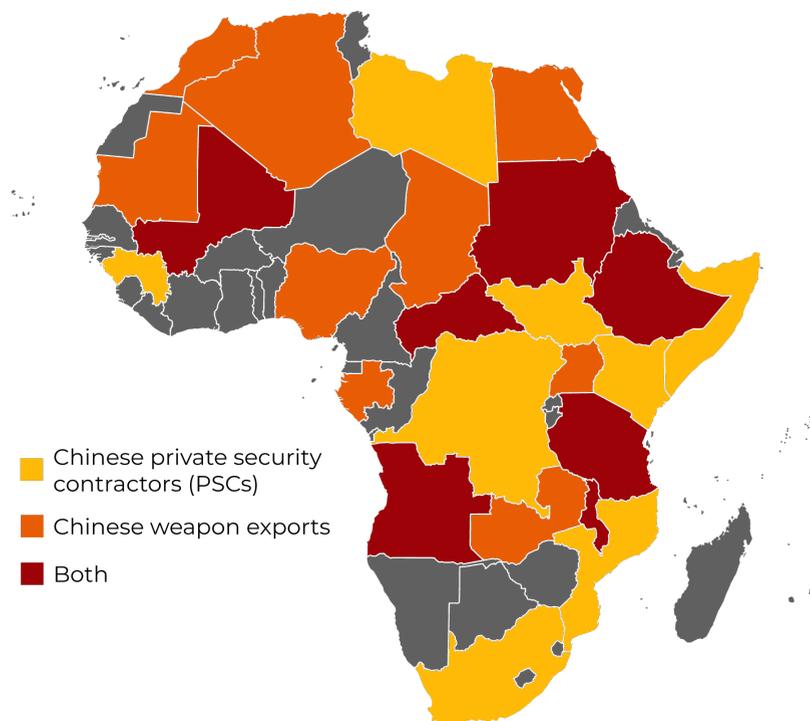
Introdução

A República Popular da China é reconhecida, por muitos especialistas, no atual quadro das Relações Internacionais, como um ator global. A China emergiu recentemente para esta realidade, em resultado da sua política externa designada de "Going Out Strategy", lançada oficialmente em 2001. E mais concretamente, desde 2013, após a apresentação da sua estratégia de conectividade global designada por "Belt and Road Initiative", surgindo como um importante ator económico, político, diplomático, mas também de segurança, nomeadamente em África, onde a sua presença é incontornável.

A presença de cidadãos chineses e de interesses económicos em África tem crescido substancialmente desde 2001 devido à expansão do comércio da China com os Estados Africanos (e Organizações), financiando projetos relacionados com a construção de infraestruturas e estabelecendo acordos económicos de parceria estratégica de medio-longo prazo. Estas parcerias estão assentes, quase sempre, no fornecimento à China de recursos naturais estratégicos, tais como o petróleo, gás natural ou a aquisição de vastas parcelas de terreno para produção agrícola, contribuindo para a economia africana e cada vez mais, para a segurança regional e continental em África.

Atualmente, neste continente, muitos países e organizações regionais estão envolvidos em conflitos armados in-

Influência Militar Chinesa em África (2022)



Fonte: <https://www.rand.org/pubs/tools/TLA2045-3.html>

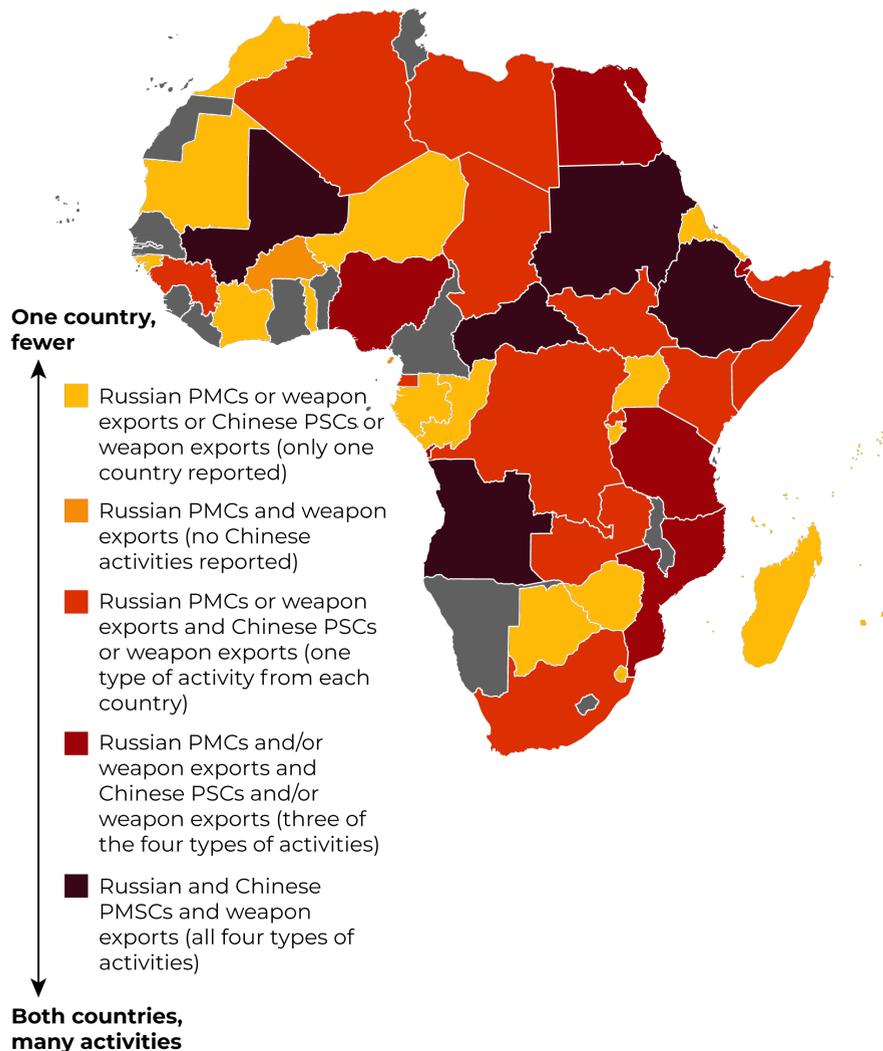
traestatais, e são assolados por fenómenos de terrorismo jihadista, tráfico ilegal diverso e banditismo ou pirataria marítima ao largo das suas costas, sendo cada vez mais comum um sentimento de insegurança regional. Podemos até, sem exagero, afirmar que a conflitualidade no continente africano é um problema que ultrapassou a dimensão regional ou continental e passou a ser um problema global, com impacto obvio na economia mundial. Neste contexto, o aumento do número de ataques violentos contra trabalhadores e interesses chineses em África, levou à tomada de consciência da comunidade chinesa (e dos dirigentes

políticos) para uma necessária proteção, associada à conseqüente perda económica que estes raptos e incidentes de segurança originam. Estes aspetos são assim alguns dos principais fatores que persuadiram o governo chinês a reagir e a apostar num reforço da segurança dos seus cidadãos e dos seus interesses económico-financeiros em África, no que parece ser uma "nova" Estratégia Militar Chinesa.

A "nova" Estratégia Militar Chinesa em África

A República Popular da China passou assim, num lapso de cerca de uma dé-

Influência Militar Chinesa em África (2022)

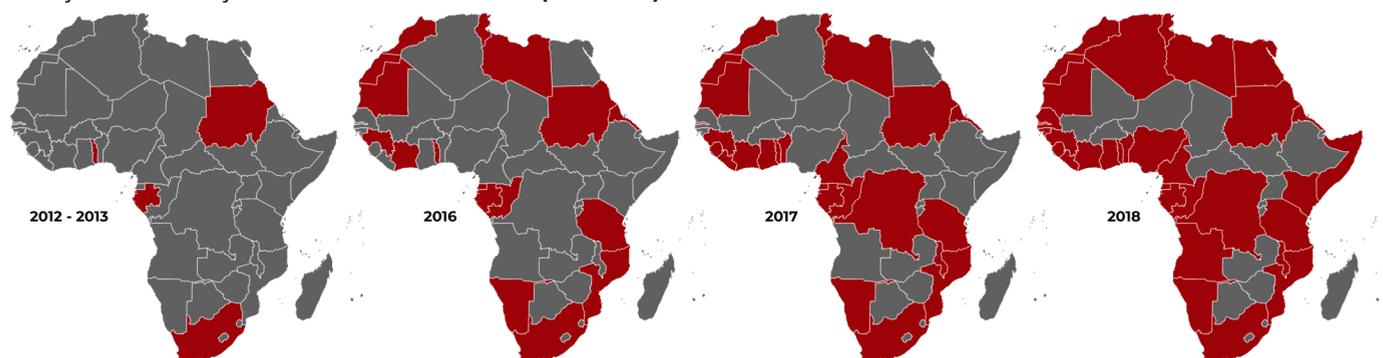


Fonte: <https://jamestown.org/program/an-anatomy-of-the-chinese-private-security-contracting-industry/>

cada, de um não-envolvimento intransigente para um envolvimento seletivo e incremental na cooperação bilateral, regional e global em matéria de paz e segurança. Nomeadamente, através da criação de programas de cooperação e assistência bilateral e multilateral integrados no “novo” quadro de Política Externa de Defesa, mantendo, contudo, o princípio intransigente da não ingerência nos assuntos internos dos países estrangeiros. Características que têm feito da República Popular da China, durante décadas, um ator pouco relevante em matéria de segurança e defesa em África. Segundo este novo paradigma, a China tem prosseguido uma abordagem estratégica assente em dois grandes vetores: primeiro, para defender os seus interesses económicos e de segurança, e numa segunda linha para expandir a sua influência em África e consequentemente no mundo¹.

O envolvimento crescente da China em operações de paz em África forneceu também o pretexto para acelerar a construção da designada “Marinha de Águas Azuis”, no intuito de poder estar mais presente no Oceano Índico e no Oceano Pacífico, tendo estabelecido a sua primeira base militar ultramarina

Evolução da Presença Militar Chinesa em África (2012-2018)



Fonte: <https://voen-news.ru/novosti/africom-prospal-yislenie-kitaia-v-afrike-zato-govorit-o-perebroske-rossiiskih-sameletov-v-liviu/>

em 2017, no Djibuti, precisamente em África. Por outro lado, alargou a sua presença militar envolvendo bilateralmente os países Africanos através da realização de exercícios militares conjuntos, reforçando a formação e assessoria militar, estabelecendo protocolos para o fornecimento de sistemas de informação ligados à cibersegurança, e ainda reforçando a venda (e doação por contrapartidas) de material bélico, e estabelecendo programas de construção de infraestruturas militares que têm garantido um reforço da cooperação de defesa com praticamente todos os países africanos.

“O envolvimento crescente da China em operações de paz em África forneceu também o pretexto para acelerar a construção da designada “Marinha de Águas Azuis(...)”

A vertente bilateral é reforçada, multilateralmente, através da relação cada vez mais privilegiada e estratégica, com a UA e as ORA, através do recém-criado Fórum China-África para a Segurança (tendo sido realizado até ao momento sete fóruns), combinando as duas vertentes da cooperação numa abordagem bi-multilateral estratégica.

Atualmente, a FOCAC cobre praticamente todo o continente africano e relaciona-se com Estados e Organizações Regionais. A China tem atualmente embaixadas em 50 Estados

Africanos e está representada em todas as ORA, norteando as relações da China com a UA e as Comunidades Económicas Regionais, pois esta cooperação tornou-se, cada vez mais, institucionalizada e estratégica para a China. Este quadro de referência permitiu criar oportunidades para alinhar a China e África com normas e acordos de âmbito bi-multilateral, resultando numa parceria estratégica com as Organizações e os Estados Africanos, envolvendo várias áreas da cooperação, nomeadamente a económico-financeira e a de segurança e defesa inscritas no Plano de Ação 2019-2021.

Em 2022, a China ocupava o 9º lugar em termos de contribuições das tropas para todas as missões da ONU com um total de 2.235 militares e polícias, e é o maior contribuinte de tropas entre os cinco membros permanentes do Conselho de Segurança das NU. Nos últimos anos, a República Popular da China, reforçou o seu contributo para o orçamento das operações de manutenção da paz da referida organização, representando cerca de 15,2% do orçamento do Departamento das Operações de Paz das NU, estando em 2º lugar depois dos EUA (27,9%).

Na dimensão bilateral, que constitui ainda o vetor primordial da cooperação de Defesa em África, assistimos na última década a um aumento significativo dos exercícios militares conjuntos e das visitas a portos dos navios da Marinha de Guerra Chinesa, nomeadamente através da participação em operação anti-pirataria liderada pela ONU ao largo do Corno de África, em que as visitas portuárias da Marinha Chinesa aos países africanos a partir

da base naval no Djibuti tornaram-se cada vez mais frequentes².

Assim, a presença dos designados “security contractors”, empresas de segurança chinesas que respeitando o princípio da não ingerência têm se afirmado no contexto securitário africano visam colmatar, por um lado, as falhas dos governos africanos que não conseguem garantir a segurança das empresas e trabalhadores chineses, e por outro lado reforçam a cooperação e a influência em África, resultando num contributo para a Economia de Defesa Chinesa e uma fonte de emprego para os cerca de 50 milhões de militares reservistas das PLA que são integrados nestas empresas de segurança semi-estatais.

O emprego destas empresas de segurança é entendido como um complemento à estratégia securitária chinesa em África, beneficiando a segurança regional (e dos Estados) e beneficiando a China pelo nível de negócios e de receitas na área da Economia de Defesa que são capazes de gerar.

Conclusões

A Estratégia Militar Chinesa para África tem vindo a desenvolver-se, recentemente, assente numa dinâmica crescente de envolvimento seletivo, privilegiando sempre a não ingerência nos assuntos internos dos Estados Africanos. Contudo, esta estratégia bi-multilateral tem levado a China a ser mais interventiva e a assumir-se como um dos principais atores para a segurança e defesa regional em África. Este aspeto, no que designamos por uma “nova” Estratégia Militar em África,

conjuga elementos de continuidade e alguns aspetos inovadores que se caracterizam por um maior envolvimento no quadro multilateral das Operações de Paz, no reforço da presença de empresas militares privadas chinesas e no reforço da cooperação, assessoria e aconselhamento militar, a par de um aumento na venda de armamento e do número de programas de assistência técnica e tecnológica militar com os países africanos.

No futuro, pensamos que esta influência vai crescer e expandir-se para outras latitudes dentro do continente africanos, levando ao engajamento em operações navais no Oceano Atlântico e ao envolvimento em operações terrestres no quadro da ONU e da UA, reforçando assim, cada vez mais, a sua relevância e presença militar em África, como parte relevante de uma estratégia de globalização da sua Política Externa de Defesa.

Referências

¹ A China vem contribuindo para as estruturas e instrumentos multilaterais existentes para promover a paz e a segurança global. Neste contexto, destaca-se a participação em missões de manutenção da paz lideradas pela ONU para África e na ação de contra-pirataria ao largo do Corno de África, perfazendo em 2022 o empenhamento de 2235 militares e o envolvimento direto em 5 das 6 missões de paz em África levadas a efeito pelas NU, empenhando 1758 militares e staff (79,6%), nomeadamente no Sudão do Sul (1031), Mali (413), R.D. do Congo (218), Sudão (86) e no Sahara Ocidental (10). [<https://peacekeeping.un.org/en/troop-and-police-contributors>]

² Segundo esta "nova" estratégia militar a China tem patrocinado a formação das Forças de Segurança e Forças Armadas Africanas, apelado aos governos para que estas garantam a proteção dos cidadãos e dos interesses económicos chineses, aspeto que nem sempre tem acontecido. Este imobilismo levou não só a um reforço da presença de militares chineses em África, como à contratação de empresas privadas de segurança que garantem a segurança dos interesses económicos, das rotas comerciais, e da proteção aos cerca de um milhão de cidadãos a trabalhar e nas cerca de dez mil empresas chinesas que estão atualmente no continente africano.

Outras Referências e Notas

ARDUINO, Alessandro (2017). China's Belt and Road Initiative Security Needs: The Evolution of Chinese Private Security Companies. RSIS Working Paper, August 29, 2017. <https://www.rsis.edu.sg/wp-content/uploads/2017/08/WP306.pdf>

CHINA WHITE PAPER (2019). China's National Defense in the New Era: Beijing. http://eng.mod.gov.cn/publications/2019-07/24/content_4846452.htm

CHINA'S GROWING ROLE AS A SECURITY ACTOR IN AFRICA (2019). Briefing Parlamento Europeu. Bruxelas. [https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/BRIE/2019/642232/EPRS_BRI\(2019\)642232_EN.pdf](https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/BRIE/2019/642232/EPRS_BRI(2019)642232_EN.pdf)

CHINA-AFRICA BUSINESS COUNCIL. (2023). Chinese Investment in Africa 2022. <http://www.focac.org/zqgytzfbg/202108/PO20220914838137103976.pdf>

WEINBAUM, Cortney; SHOSTAK, Melissa; CHANDLER, Sachs and PARACHINI, John V. (2022). Mapping Chinese and Russian Military and Security Exports to Africa. Santa Monica, CA: RAND Corporation, 2022. <https://www.rand.org/pubs/tools/TLA2045-3.html>

KWASI, Stellan (2019). High cost of having China as Africa's partner of choice. Institute for Security Studies. 13 março 2019 <https://issafrica.org/iss-today/high-cost-of-having-china-as-africas-partner-of-choice>

SUKHANKIN, Sergey (2023). An Anatomy of the Chinese Private Security Contracting Industry. January 3, 2023. <https://jamestown.org/program/an-anatomy-of-the-chinese-private-security-contracting-industry/>

<https://soundcloud.com/chinatalkingpoints/chinas-expanding-military-presence-in-africa>

<https://voen-news.ru/novosti/africom-prospalysilenie-kitaia-v-afrike-zato-govorit-o-perebroske-rossiiskih-samoletov-v-liviu/>